

UM FESTIVAL
ONDE SE INVENTA
A CULTURA
DE UM PAÍS

IN VEN TA 21/22

ESCRITA EM CENA

TEATRO DO MONTEMURO Socalcos

30 set, sex, 21h30 - Auditório Municipal, Baião

01 out, sáb, 21h30 - Emergente – Centro Cultural, Marco de Canaveses

02 out, dom, 16h00 - Centro Cultural Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, Celorico de Basto

04 out, ter, 21h30 - Auditório Municipal, Resende

07 out, sex, 21h30 - CineTeatro Raimundo Magalhães, Amarante

08 out, sáb, 21h30 - Auditório Municipal, Cinfães

09 out, dom, 16h00 - Museu Municipal, Penafiel

Promotores:



Cofinanciado por:



FESTIVAL INVENTA | Escrita em Cena

A diferença de ser português

Quem construiu os socalcos do vinho do Porto? Foram os titãs, respondem alguns, recorrendo à mitologia. Outros dizem, de forma talvez vaga, que foi o Homem. Outros ainda, mais prosaicos, afirmam sem hesitar que foram os socalqueiros. Nós não avalizamos nenhuma das três respostas, mas respeitamos e registamos todas. E para ajudar a uma melhor resposta, recorremos a um conto de Soeiro Pereira Gomes (1909-1949) que fala no trabalho brutal e maravilhoso que foi a edificação desses mesmos socalcos. Quem construiu os socalcos do Douro? Foi também a pergunta recorrente do Barão de Forrester (1809-1861), durante as repetidas incursões topográficas que empreendeu, até desenhar o monumental *Mapa do Douro Portuguez e Paiz Adjacente*.

Socalcos acompanha uma dessas viagens pelo interior do Entre-Douro-e-Minho, com personagens tão inesperadas como o jovem Serpa Pinto, também ele amante da topografia, o salteador Zé do Telhado (1818-1875), também ele amigo dos solares ricos da região, o Abade de Jazente (1719-1789), recordado em alguns dos seus poemas, e, como personagem principal, a gente do povo das paragens do Douro, Tâmega e Sousa. A música e a culinária, claro, são sempre companhia durante o percurso. As peripécias da viagem são narradas pelo homem que veio a salvar a Ferreirinha (1811-1896) da ira das águas do rio, no naufrágio onde morreu "a Gertrudes, um thesouro que a voragem engoliu", nas palavras do seu amigo Camilo Castelo Branco (1825-1890).

Duração aproximada | 1h15

M12

Texto

José Carretas

Encenação

Paulo Duarte

Interpretação

Dóris Marcos, Eduardo Correia, Mafalda Cachola

Atores da comunidade

Adolfo Campos
(Grupo de Teatro de Adultos da Artâmega, Marco de Canaveses)

António Magalhães, Francisco Magalhães

(Agrupamento 780 do Corpo Nacional de Escutas, São Martinho de Mouros, Resende)

Daniel Figueiredo

(Baião)

Frederico Duarte

(Campo Benfeito, Castro Daire)

Jorge Pereira

(Grupo de Teatro da Casa do Povo de Nespereira, Cinfães)

Natércia Seixas e Teresa Seco

(Grupo de Teatro Celoricense, Celorico de Basto)

Pereira da Silva

(T'Amaranto – Grupo de Teatro de Amarante)

Desenho de luz

Paulo Duarte

Direção musical

Daniel Figueiredo

Construção de cenários

Carlos Cal, Conceição Almeida

Figurinos

Ana Limpinho

Direção de cena

Abel Duarte

Direção de produção

Abel Duarte

Comunicação

Joana Miranda

Produção

Teatro do Montemuro